

# CAXIAS — ETERNA LEMBRANÇA

CAP CAV QEMA  
PEDRO MARINS MARTINO

## PALESTRA PROFERIDA NO QG DA 3.<sup>a</sup> RM, POR OCASIÃO DAS SOLENIIDADES COMEMORATIVAS DA "SEMANA DO EXÉRCITO"

*"A morte nem sempre é o fim, quando a  
laje que veda o túmulo se transforma em  
farol luminoso para a eternidade."*

Caxias permanece no Panteão da Glória, como líder invencível de um Exército que assimilou integralmente os seus nobres exemplos. As páginas imorredouras de nossa história persistem latentes na imaginação de nossos chefes militares. Jamais a tradição herdada de nosso herói foi deslustrada. Nossas armas brilharam no passado, brilham no presente e saberão brilhar no futuro. Caxias lançou a semente que germinou plenamente neste país gigantesco. Os ideais de unidade nacional foram preservados, por isto, depuramos na atualidade com uma nação pujante, que não esposa idéias imperialistas, mas não admite tentativas desagregadoras. Uma nação que respeita os princípios de autodeterminação dos povos e que, paulatinamente, marcha com dinamismo e agressividade em busca do integral desenvolvimento de suas potencialidades. Não fora a obra de Caxias, talvez não estivessemos hoje em dia empreendendo o milagre do século, que desafia as previsões dos futurólogos. Somente a intrepidez de Caxias poderia originar o surgimento de um país continente, entre as pulverizadas nações de origem espanhola.

A imagem do militar e estadista não foi olvidada, nossos dirigentes sabem que no Exército está arraigada uma tradição secular e que o militar brasileiro é, por formação, um cidadão fardado. Tivemos a ventura de não nos empenharmos, em tempo algum, em lutas expansionistas, ou de aspirarmos colocar a espada acima dos anseios populares. A caserna tem sido no Brasil a grande escola de civismo. Mas a caserna não tem significado alienamento, não tem significado passividade perniciosa. Nosso Exército tem sido um organismo democrático por excelência, e jamais configurou uma casta. Por ser democrática, nossa instituição tem se projetado como um denominador comum entre os homens, não pesquisa origens sociais,

não faz distinção de cor, e a todos proporciona as mesmas oportunidades. No momento em que reverenciamos o nosso herói, sob os acordes do Hino que nos irmana, olhares fixos no nosso sagrado Pendão e tendo a inspirar-nos a onipresente effigie do Condestável do Império, torna-se um dever de justiça enfatizarmos as conotações de um passado glóriofo com o presente promissor. Nesta fase histórica da nacionalidade, quando se realiza no país uma irreversível obra de restauração nacional, através de uma verdadeira revolução que se confunde com o próprio destino da Pátria, é justo volvermos nossos pensamentos para o passado e assimilar, de figuras autênticas como o insigne varão, exemplos de honra, de lealdade, de dignidade e de perseverança no cumprimento do dever.

Povo cristão que somos, devemos agradecer ao Todo Poderoso a bênção de nos ter aquinhoado, na atualidade, com o surgimento de homens da mesma têmpera de um Lima e Silva.

A História se repete; não estamos em luta declarada, mas hoje, como outrora, verificamos a pugna de um militar e cidadão à testa de nossos destinos, usufruindo do povo a mesma estima e dedicação tributada ao "Duque de Ferro". Presenciamos a dinamização de nossos recursos humanos e materiais. Vemos o entusiasmo recrudescer diante do acelerado soerguimento econômico de nosso país. Deparamos com a confraternização popular, enfatizada na manifestação insofismável de euforia, emanada de nossas conquistas esportivas. Contemplamos o espirito desbravador através do ressurgimento de novos bandeirantes, desafiando o "hinterland" e envidando esforços na busca da integração definitiva à nossa nacionalidade, de vastas regiões até agora abandonadas. Visualizamos a mobilização em prol da valorização da criatura humana, objetivando dar a milhões de brasileiros um "status" que os tornem membros atuantes de nossa sociedade. O gigante desperta e dedica-se à ativação das suas riquezas ainda inexploradas. Permanecemos pacíficos, mas não titubharemos em sacrificar nossas vidas preciosas, no combate a idéias exóticas que, com pertinácia, os agentes do comunismo internacional tentam inculcar em nossa juventude.

Assistimos à reprise histórica, o Exército não perdeu a sua predestinação e os mais dignos chefes, a exemplo do Pacificador, são guindados ao desempenho da árdua missão de gerir os destinos da Pátria.

"A morte nem sempre é o fim, quando a laje que veda o túmulo se transforma em farol luminoso para a eternidade."